

ERNEST ROBERT DE CARVALHO MANGE

Ernest Robert de Carvalho Mange nasceu em São Paulo, em dezembro de 1922. Filho de pai suíço, engenheiro e professor da Escola Politécnica, e de mãe professora, ingressou no Jardim da Infância da Escola Modelo Caetano de Campos em 1927, onde cursou também o primário. Arquiteto e urbanista, participou da construção de várias escolas públicas nos anos 70 e também de várias unidades das Escolas Senai. Foi professor na Universidade de São Paulo. Como presidente da Emurb, Empresa Municipal de Urbanização, defendeu a preservação do prédio da Escola Caetano de Campos, ameaçada de demolição pelas obras do Metrô paulistano. Foi primeiro diretor superintendente e responsável pela elaboração da política cultural do Instituto Cultural Itau. É artista plástico.

Identificação do depoente

Muito bem, meu nome é Ernest Robert de Carvalho Mange. De passagem, hoje sou sempre chamado de Ernest Robert (pronúncia inglesa), por causa da influência da cultura anglo-saxã, atualmente, no Brasil. Eu nasci aqui em São Paulo mesmo, 28 de dezembro de 1922.

Família

A minha família é uma família tipicamente brasileira, no sentido de que minha mãe, de onde vem o Carvalho, era uma moça de fazenda do interior de São Paulo. Meu avô materno era o capitão da Guarda Nacional*, chefe político da região de Descalvado. Isaías Pereira de Carvalho. Meu pai, Roberto Mange, era de nascimento suíço-francês, de origem de família francesa, nascido na Suíça, no Cantão de Vaud, numa cidadezinha chamada La Tour de Peilz. E ele, em 1913, vem para o Brasil, para São Paulo, convidado pela Escola Politécnica, para lecionar Mecânica Aplicada às Máquinas, e aqui conheceu minha mãe, aconteceu o romance e tal, e casaram em 1914.

Infância

Com essas duas culturas, uma bem brasileira, com antepassados portugueses, e a outra uma cultura marcadamente francesa, era uma coisa mista. A casa tinha, por exemplo, vamos pegar uma coisa fácil para entender, a alimentação: eu aprendi, desde criança, a gostar muito de doce de coco amarelinho, que é bem brasileiro, e gostar muito de cuscuz, que a minha mãe fazia muito bem. Aliás, ela deixou essa receita, a minha mulher aprendeu com ela, minhas filhas e, hoje, as minhas netas fazem o cuscuz, é curioso. E, ao mesmo tempo, a gente tinha, por exemplo, lá em casa um prato que sempre aparecia, o *rostie*, que é um tipo de batata muito característico da alimentação suíça... e a sopa, que se chama lá na Suíça de *bouillion genevois*, que é um caldo com omelete cortadinha em pedacinhos pequenininhos e lá jogado o caldo, e eu adoro até hoje. Então, em tudo o que tinha nas paredes, nos

móveis, tinha as duas influências. Tanto os meus irmãos como eu fomos bilíngües, aprendemos a falar o português junto com o francês. Quando perguntam qual foi minha língua materna, eu fico em dúvida, porque não me lembro, quando era em que língua minha mãe falava comigo, por sinal eram as duas, que eu consegui dominar razoavelmente. Quando eu falo francês, me dizem que eu falo francês muito bem... português vocês podem ajuizar da sua qualidade.

Eu era muito bom em duas coisas: em Artes Plásticas e em Matemática. Eu era muito lógico, sempre fui, havia uma expectativa que eu fosse seguir a profissão do pai: ser engenheiro. E a parte de Artes Plásticas era vista na minha casa de uma maneira muito curiosa, porque tanto meu pai, um engenheiro mecânico, e minha mãe, artista também, poetisa, enfim, com um senso poético muito desenvolvido, conhecia muito bem literatura, falava francês muitíssimo bem, falava inglês. Mas apesar disso eu era chamado em casa, de uma maneira um pouco pejorativa, "l'artist". Por uma oposição ao meu irmão mais velho, que não tinha nada de artista, e depois foi ser advogado. Então eu me via assim nessa dialética entre artes e ciência, entre emoção e razão, eu vivi isso de uma forma muito forte desde criança. E a expectativa que eu sentia é que o lado razão tinha que dominar.

Minha família era de classe média, de nível bom. Meu pai era professor universitário. Tinha uma coisa que sempre distinguia nossa família e me distinguia muito de muitos colegas: eu tinha automóvel. Naquela época, ter carro era raro. Mas quando nasci meu pai já tinha um Ford Bigode. Por que chamava Bigode? Porque tinha, de um lado, o afogador manual, e do outro lado o câmbio, parecia um bigode. Não tem nada com a escola primária, mas é interessante: quando você tinha um esforço muito grande na subida, por exemplo, ele escorregava, então ele precisava subir de marcha a ré. Mas, enfim, nós éramos ricos porque nós tínhamos um carro desse. Então, isso influenciou muito a minha vida inteira. Nos meus desenhos, desde criança, sempre tiveram a presença do automóvel. Não é como hoje, que uma família tem quatro ou cinco automóveis, família classe média, média alta como era a nossa, ter um automóvel era uma coisa.

Formação: Pré-Escola

Freqüentava a Caetano uma elite de São Paulo porque, sendo uma escola pública, era procurada por uma quantidade gigantesca de gente. E eu vim a perceber isso depois, me apercebi claramente que as famílias que tinham acesso à Secretaria da Educação conseguiam matricular seus filhos rápido, e os que não tinham acesso ficavam sempre para o ano que vem. E o meu pai, evidentemente, como professor da Escola Politécnica, que na época tinha um prestígio enorme, conseguiu me matricular. Meus irmãos já não fizeram, levou anos para os meus pais descobrirem isso daí. Vou citar dois nomes de companheiros que me acompanharam os dois anos de Jardim de Infância e os quatro anos do Primário: um é o atual vice-prefeito de São Paulo, que foi ser advogado, o Hélio Bicudo. O outro, do qual me tornei bastante amigo, companheiro também, no pré-Politécnico e na Poli, é o senhor Olavo Setúbal,

hoje o diretor-presidente do Conselho de Administração da Itaúsa, que é um grupo de empresas. Isso para dar uma idéia do nível das pessoas. Não sei se todos eram assim.

Olha, eu tinha cinco, eu fiz o pré-primário, hoje chamado escola maternal. No quinto ano da minha vida e no sexto ano da minha vida. Depois terminado entrei no primário exatamente com sete, porque como eu faço anos em dezembro, caminhava certinho.

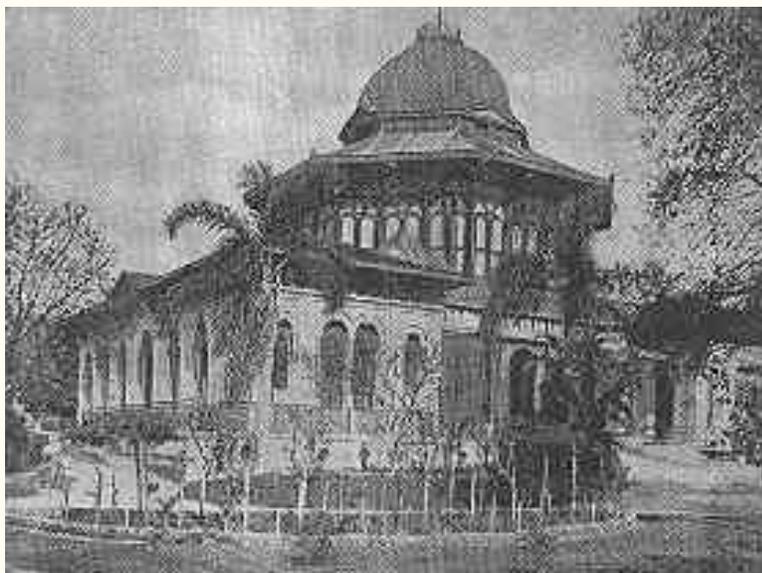
Eu fui apavorado para a escola. Sempre fui uma criança muito tímida, as primeiras vezes que eu fui à escola foi.... eu me lembro até hoje. Apesar de ser uma escola maravilhosa, fiquei apavorado.

A escola era maravilhosa, era o Jardim de Infância da Caetano de Campos*. Ela foi demolida. Ficava num terreno que hoje é a continuação da então Rua São Luís, hoje Avenida São Luís. Ela atravessava essa rua, hoje avenida, que corta a Ipiranga e continua, na parte de trás do edifício, que ainda está lá, da Escola Caetano de Campos*. Nessa área entre a atual Ipiranga e o fim daquela rua, quando começa a Marquês de Itu, era uma área verde, lindíssima, tinha árvores frondosas, tinha palmeiras, uma beleza. No centro dela tinha um edifício octogonal, se não me engano, com colunas de ferro fundido, uma arquitetura muito do fim do século XIX começo do século XX e já com influência do Art Nouveau*. Era uma coisa muito interessante, desde criança sempre fui muito fascinado por tudo que afeta a vista, pelos valores plásticos. Eu não sabia dizer nada disso, mas eu ficava fascinado com aquelas formas. Me lembro que, no primeiro ano, toda hora, a professora, aliás eram várias professorinhas, normalistas* que lidavam com as crianças lá para irem treinando. Era uma sala só, um salão octogonal. Tinha crianças de cinco, seis, sete anos, formavam grupinhos em torno de mesinhas que eram muito simpáticas, com cadeirinhas. Eu gostava muito desse ambiente (soube outro dia que esses móveis foram encontrados e recuperados, acho fantástico).

Mas eu não gostava nada da escola, aliás carreguei isso a minha vida inteira. Não gostava de ter que ir lá todo dia, naqueles horários, porque eu sentia, era uma criança muito sensível, que tinha perdido para todo o sempre a minha liberdade.

As atividades eram agradáveis, não eram coisas impositivas. Eu já fazia umas tentativas de desenhar aquelas alegorias, com lápis de cor. Eu fui me dando conta com o passar dos anos que era muito mais uma questão de sociabilização da criança diante de lição dos métodos, disciplina, de horário, aquilo que justamente eu repugnava. Era muito mais um treinamento nesse sentido do que uma instrução; transmissão de informações não era o objetivo.

A gente brincava muito, naquela época que não existia os brinquedinhos de teclinha, boa parte dos brinquedos eram brinquedos feitos por artesãos, eram cubos de madeira que se encaixavam, cavalinhos de madeira, não era uma produção tecnológica. Era mais uma tradição que vinha de séculos de fornecer às crianças alguns meios, não havia todo o palavreado bonito de hoje, mas na verdade esse foi o meio de expressão. A gente se sentia bem nesse sentido, o que eu não gostava é que tinha que ir todo dia, na hora certa. Tinha uma certa disciplina realmente imposta, a criança não podia se levantar, sair correndo, ir para fora. Tinha que ficar lá, essa coisa que eu não achava agradável. Mas o resto não era desagradável.



Jardim da Infância, construído atrás da Escola Normal “Caetano de Campos”, demoliu 1939. Fonte:ROCCO, Salvador et al. (Org.). Poliantéia comemorativa: 1846-1946; primeiro centenário do ensino normal de São Paulo. São Paulo: s. n., s. d.

Pré-Escola: Relação Professor-Aluno

A relação com a professora era boa. Eu acho que talvez tenha sido o primeiro lugar que eu comecei a me interessar por mulheres que não eram a minha mãe só! Mas a verdade é que eram moças simpáticas, agradáveis, levavam isso de uma maneira muito maternal. No primeiro ano era a Professora Antonieta. Eu adorava ela, me lembro que me dava muito bem, eu nunca tive problemas com professoras, sempre tive problemas com professores.

Formação: Escola Primária

Continuei na Caetano de Campos. Eu não lembro de ter sentido choque forte. A gente tinha lições, tinha aulas que eram de linguagem, de aritmética, chamava-se assim, aquela aritmeticazinha elementar: as quatro operações e tal. O que eu não gostava muito era que eu tinha que ficar muito disciplinado; e eu não era uma criança disciplinada, apesar do meu pai suíço. E eu não gostava dessas regras.

Escola Primária: organização, currículo e métodos de ensino

Uma coisa que mudou do pré-primário, do jardim da infância, para o primário: eram as aulas caligrafia*. Tinha que preencher aquele caderno com as linhazinhas, então, “João tem um cachorro”, “O cachorro chama, tá, tá, tá” e tinha que fazer aquilo dez, quinze vezes, preencher aquela página. Eu queria morrer com isso aí, sempre fui muito inconformado com essas imposições da sociedade.

No primário tinha a cartilha. Acho que chamava-se cartilha Erasmo Braga. Tinha pequenas historietas e, no fim de cada capítulo, tinha um questionário, com exercícios como escrever uma frase com tal palavra ou com duas palavras. À medida que ia subindo do primeiro para o quarto ano eles tornavam-se mais complexos, a linguagem também era mais rica, não é. Mas, eu me lembro que eu achava interessante a cartilha, guardei muito o nome. Até o quarto ano tínhamos somente uma professora.

Também tinha aula de ginástica. Era mais uma brincadeira. Não tinha uniforme de ginástica; íamos para o pátio, saltávamos, corríamos, tinha uma brincadeira de correr, fazer rodinhas, saltar sela. Era saudável, sem dúvida, mas não, acho que o professor treinado para a Educação Física surgiu bem depois.

No primário havia certas noções de Ciências. Eu me lembro até hoje que aprendi, exemplo, o movimento de rotação da Terra, e que o eixo era inclinado, portanto, a obliquidade eclíptica. Muita gente fica assustado quando se fala nesses termos, mas eu aprendi isso lá no primário. E o movimento de translação que por causa da obliquidade eclíptica provocava as estações. E eu gravei isso tão bem que, já aos dez anos, eu criticava os jornais que diziam que no dia 23 de dezembro começa o verão. Isso é um absurdo total, não é que começa o verão, é o máximo do verão, é o dia mais comprido do ano, teoricamente, seria o mais quente. Eu tinha aprendi isso no Primário. Eu me lembro que saí do Primário sabendo as escalas, Celsius, Fahrenheit, e outras. E tem muita gente que faz o Ginásio hoje e que não sabe. Então, ela era uma escola interessante, não podia existir nos Estados Unidos, nem hoje, passados 70 anos! Porque era uma escola evolucionista. Os mesmos conceitos da Teoria da Evolução de Darwin* eu os recebi lá, na Caetano. Não havia a polêmica criacionista versus evolucionista, essa coisa que envolve os Estados Unidos até hoje. Nós éramos declaradamente evolucionistas.

Tecnologia não tinha nenhuma. Projeção, nem pensar! Projetores não havia nada; reprodução de documentos, eu só comecei a ouvir falar disso quando estava no Ginásio.

A Escola Caetano de Campos era uma escola que no início se formou ainda sobre fluxo das idéias de Pestalozzi*, mas depois ela foi adquirindo idéias de Montessori*.

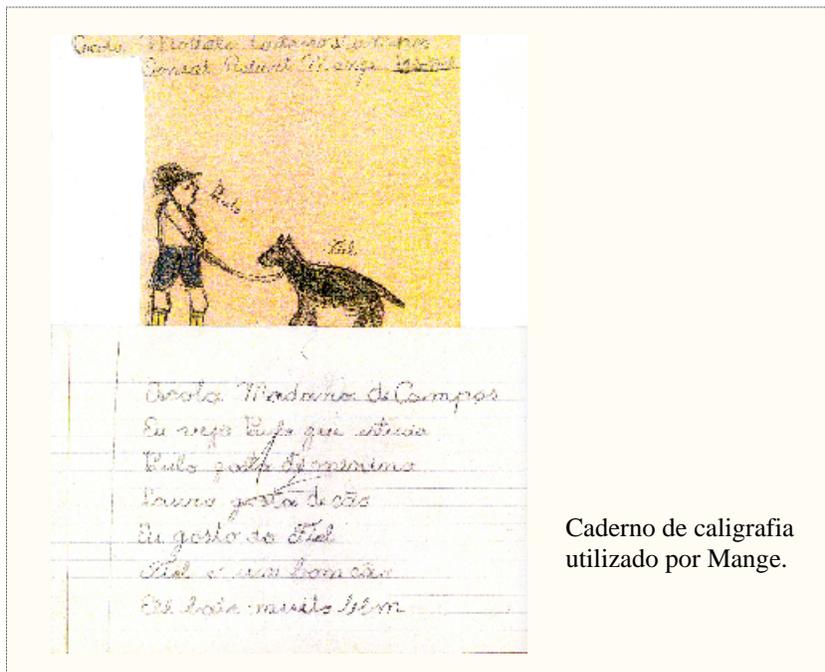
Escola Primária: Material Escolar

Eu tinha um estojozinho de madeira, tinha uma tampinha que cobria. Nele eu guardava os lápis de cor e o lápis célebre, que me perseguiu a vida inteira, me

tornei um menino no mundo dele. Era o “John Faber nº 3”. Não sei por que sempre inventaram esse “nº 3”; até hoje, é o que se vê em tudo quanto é lugar, e eu depois, pelo resto de minha vida, fiquei traumatizado e fiz uma campanha contra o “nº 3”, porque “nº 3” é um lápis duro. O “nº 2” é mais mole, o “nº 1” mais mole ainda. Então, eu sempre achei que o lápis mais mole dava mais liberdade. Muitos anos depois, quando eu fui professor de Desenho Artístico, inclusive, eu encontrei num livro uma expressão que me lembro até hoje: “Lápis e papel devem ser uma coisa tal que a pessoa quando vai desenhando, a idéia puxa o lápis e o lápis puxa a idéia”. E esse tal lápis “nº 3” é que nem uma talhadeira, não puxa idéia.

Quando a gente crescia, depois do segundo ou terceiro ano, não me lembro bem, a gente tinha direito de pedir, e os pais compravam, um estojozinho de lápis de cor, que tinha aquele arco-íris todo. Tinha mais liberdade, enfim.

Tinha um caderno de linguagem, um caderno de português, caderno de caligrafia, caderno de desenho, não tinha linhas.



Depois de um certo tempo que a gente trabalhava com lápis nº 3”, acho que no terceiro ano, ou fim do segundo, a gente começava a usar a tinta. Então, aquelas carteiras tinham à direita um certo depósito para a tinta ferruginosa, que era horrenda porque manchava a roupa, os dedos da gente, manchava tudo. E aí a gente levava no tal estojozinho uma caneta e uma peninha. E aí mergulhava a peninha lá no tinteiro e escrevia. Fazia parte do equipamento o mata-borrão. Cada vez que terminava de escrever qualquer coisa, mata-borrão em cima. De qualquer maneira, era uma sujeira danada. Então, quando eu passei para o quarto ano, eu ganhei uma caneta-tinteiro que, então, não

precisava mais usar aquele negócio. Não era uma Mont Blanc porque, claro, não vão dar para um criança uma Mont Blanc, mas era uma Parker 21. Tinha a Parker 21 e a Parker 51. A 51 era caríssima e a Parker 21 estava ao alcance da classe média.

Hora do Recreio

Eu adorava o recreio. Era justamente a hora da liberdade. Então tinha aquele chiar de crianças, todo mundo corria para o pátio, e brincavam todos, menina e menino. Era misto. Desde a escola pré-primária, o primário, a Caetano de Campos que eu conheci sempre foi uma escola mista.

Uniforme escolar

A Escola Modelo Caetano de Campos nunca adotou a teoria dos uniformes. Aliás, ela foi uma das primeiras em São Paulo que desenvolveu essa tese que foi muito, muito cara na pedagogia. Foi desenvolvido de que não se devia pôr uniforme. Devia-se deixar cada um manifestar sua personalidade. Isso foi uma polêmica que tomou conta do mundo até à Segunda Guerra. Basta dizer que na Itália, no primário, por causa dessa bendita tinta ferruginosa, o uniforme do primário era um avental preto, todas as crianças andavam de preto lá, aquilo era medonho. Era a única maneira de absorver aquelas tintas, aquelas manchas de tinta.

No Jardim da Infância tinha somente um chapéu de palha com, alternadamente, faixas azul escuro e cor de palha. E tinha um laço de fita, que eu detestava, onde estava escrito, em letras douradas “Jardim da Infância”. Mas a gente só tinha que pôr aquilo na hora em que entrava, depois punha lá na mesinha e ficava lá. E na hora de sair punha de novo.

Escola Primária: Relação Professor-Aluno

No Primário eu me lembro do professor Daniel, da professora Julieta do primeiro ano, que eram muito agradáveis, muito amigos, eu gostava deles. Gostava como criança gosta de uma pessoa, de um tio.

Leituras

Líamos bons livros no primário. Livros, cartilha, e os professores traziam livros de casa. Eu me lembro perfeitamente de ter lido o Navio Negreiro, de Castro Alves*. “ Levantai-vos, heróis do Novo Mundo! Andrada arranca esse pendão dos ares, Colombo fecha a porta dos teus mares!” E isso aí era lido por nós, meninos, tropeçando, é claro. Tinha Casimiro de Abreu*. Eles traziam poemas e trechinhos de prosa engraçados para quebrar um pouco a monotonia da aula. A escola era muito boa, muito boa.

Assim que eu comecei a ler, realmente, com um certo desembaraço, que não era penoso ler, eu comecei a devorar aqueles livros que eram publicados na época pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que era uma coleção belíssima sobre mitologia grega. Muito simpático, com letra boa, de fácil leitura. Então, devorei a Guerra de Tróia* e essas coisas todas, a briga lá dos Deuses do Olimpo, aqueles fuxicos que começaram a me dar uma culturinha

razoável. Em francês, eu comecei a ler Alexandre Dumas, “O Conde de Montecristo”, “Os três mosqueteiros”, e daí para frente. Dumas era bilíngüe, e lia nas duas línguas. Quando eu entrei no Ginásio já estava com conhecimento bastante bom.

Aí eu comecei a ler um pouco de tudo, principalmente História. Ainda ontem estava contando para minha mulher que perguntou sobre um livro em que viu 1930 e a minha letra, era um livro em francês. Aí contei para ela que uma vez meus pais hospedaram um casal suíço que veio aqui passar 10 dias, 15 dias em São Paulo. Eu tive que graciosamente ceder o meu quarto e, no fim, eles ficaram sabendo e queriam me dar um presente. Perguntaram para minha mãe, quando iam embora, do que eu gostava. Aí ela disse: “Olha, o melhor presente que vocês podem dar para ele é um livro de História”. E eles foram numa livraria qualquer no centro da cidade, só tinha livraria no centro, a Livraria Cultura não existia, e compraram o livro “La Civilization Romaine”. Era um negócio pesadíssimo, eu o li, devorei. Qualquer livro de História eu lia, comecei a ler livro sobre a Guerra dos Farrapos, sobre a Guerra do Paraguai, tudo que me caía nas mãos.

Nessa época não havia leitura proibida, mesmo porque não havia acesso a esses livros. Quer dizer, livros pornô ou mesmo uma “Madame Bovary”, qualquer coisa assim, a gente não tinha acesso. É engraçado, mesmo anos depois, já adolescente, no Ginásio, era um mundo diferente, eram outros valores. O rádio começou fortemente a partir dos anos 30, 1934, por aí. A televisão só viria nos anos 50, então as crianças ou adolescentes viviam num mundinho de informações muito, muito reduzidas, era muito limitado. E daí, foi muito bom isso, o amor que eu desenvolvi pela leitura. Tudo o que tinha em casa, minha mãe era poetisa, inclusive, foi professora muitos anos, e meu pai era também uma pessoa de nível de formação elevada, então eles tinham nas estantes deles um monte de livros. E eu li tudo isso.

Formação: Ginásio

Foi uma passagem complicada para o Ginásio. A criança estava acostumada a ter esse pai ou essa mãe o tempo todo, porque só tinha um professor que dava tudo: Aritmética, Português, História, um pouco de Geografia. A passagem era realmente forte, essa figura paterna, materna, desaparecia.

Ginásio: organização, currículo e métodos de ensino

A gente passava a ter oito, nove, dez professores diferentes, das Línguas, História, História Natural, Geografia, História Universal. Era chocante, porque o horário era mais rígido; em vez de brincadeiras, silêncio. Eram aqueles 50 minutos que a gente ficava coladinho, quietinho na cadeira, na carteira. Depois tinha o intervalozinho de 10 minutos de uma aula para outra. Tinha um intervalo maior de 20 minutos no meio do período, que aí é para o recreio, descia a escada, podia comprar e comer alguma coisa, comprar alguma coisa na cantina.

Ciências, na época, era chamada de História Natural. Englobava aquilo que, depois, se dividiu claramente em Física, Química, Zoologia, Botânica, Geologia e Mineralogia. Era um pacote.

Agora, eu peguei uma época terrível lá no Colégio Rio Branco, que tem muito nome e tal, mas que ficou muito melhor depois, porque o nosso ensino secundário brasileiro era horrível. Eu peguei uma época miserável.

Tinha um professor, cujo nome eu não vou falar, que, primeiro, fazia a gente comprar o livro dele; segundo, ele passava as aulas ditando o livro dele. Bom, a gente já tinha 13, 14 anos, não éramos idiotas. Isso nos provocava. Era péssimo, salvo exceções.

Ginásio: Relação Professor-Aluno

No Ginásio as relações, naquela época, entre professores e alunos não eram agradáveis porque havia disciplina, não foi uma época muito agradável.

Atividades extra-curriculares

Havia coral, mas como sempre fui péssimo em matéria de música, eu sempre fui um fracasso em matéria musical, apesar de sempre gostar muito música. Então, eu não fui escolhido para fazer parte do coral. Eles pegavam os pequeninhos do Jardim de Infância da Caetano de Campos*. Mas eu, assim que abria a boca, pronto, me mandavam embora.

Ritos e Comemorações na Escola

Tínhamos algumas cerimônias. Cerimônias cívicas, o dia anterior ao 7 de setembro se fazia lá alguma coisa. Desenhos com verde e amarelo. Comentava-se bastante, ainda na década de 20, sobre um fluxo das idéias republicanas positivistas*. Então havia uma certa ênfase na libertação dos escravos, 13 de maio era comemorado, se explicava para as crianças, elas sabiam o que era. Logo no meus primeiros aninhos da escola eu aprendi o que era 13 de maio. Havia uma certa ênfase na bandeira, explicavam aquelas estrelinhas, o que significava. Eu aprendi, ainda no Primário, as palavras “Ordem e Progresso”, e eu mal sabia lê-las. Eram da cor verde-escuro que é a cor da bandeira, sobre a qual se colocou o losango amarelo e o círculo branco, etc. Eles tinham preocupação com certas coisas. Lembro que na primavera tinha o dia da árvore e nós tínhamos que trazer de casa uma coisa qualquer para plantar lá no jardim.

Faculdade: Relação Professor-Aluno

Na Poli teve um professor que me marcou. Foi o único professor da Poli que me fez fazer exame oral, porque no resto da Poli eu passei bem. Era de Cálculo e Derivada. Eu fiquei amigo dele. Eu fiquei gostando muito dele, ele marcou a minha vida. Era um homem de uma cultura fantástica, a casa dele tinha livros até no forro. Anos mais tarde, já casado, com filhos, morávamos perto. Então, às vezes, fim de tarde eu ligava: “Professor, o que o senhor está fazendo? Vou dar um pulo aí”. A gente ficava conversando, tomava um aperitivo, ficava

filosofando. Eu passei anos trocando idéias com o professor que era chamado de professor Monteiro ou Camargão, pois se chamava Monteiro Camargo.

Escolha profissional

É uma coisa curiosa! É a atração que a gente tem por aquilo que a gente não gosta. O ódio provoca emoção de qualquer maneira. Então, a relação de ódio e amor é uma coisa complicada. Mais tarde, isso se repetiu, tenho um filho que detestava a escola, foi um problema; depois que ele ficou adulto, fez dois cursos superiores e, depois, sabe o que ele foi ser? Professor e diretor de escola. Então, quando eu estava na Poli, apareceu uma oportunidade, eu compareci, fiz um exame, me acharam bom, então eu fui atraído pelo ensino. Comecei a ensinar, na Escola Técnica do Brás, Complementos de Matemática, depois ensinei Desenho e um monte de coisas, enfim. Fiquei cinco anos lá. E aquilo me atraiu muito, queria ser um professor como eu nunca tinha tido. Depois, eu fui compreendendo, aos poucos, esse negócio, fui atraído exatamente pelos defeitos. Depois fui estudar na Poli, me especializei em Urbanismo.

Arquitetura escolar

Foi uma fase muito agradável de minha vida profissional. Eu integrei o chamado Convênio Escolar, nos anos 50 e 51. Na ocasião, a Prefeitura estava mais rica que o Estado. Foi feito um convênio, de maneira que a Prefeitura assumiu a tarefa de construir as unidades escolares necessárias dentro da cidade de São Paulo, fossem elas administradas pela própria Prefeitura ou fossem elas administradas pela Secretaria de Educação Estadual. Essas unidades abrangiam aquilo que se chamava Parque Infantil*, que era o Pré-Primário, GESC – Grupo Escolar* e Ginásios, as Escolas Estaduais de Segundo Grau. Eu fui convidado pelo arquiteto Hélio Duarte, que era o arquiteto-chefe do Convênio Escolar, para integrar a equipe. Eu achei aquilo ótimo e me dediquei, realmente, de corpo e alma. Foi uma época que eu tinha uma produção enorme e projetei vários Parques Infantis. Um deles é o Parque Infantil da Praça Buenos Aires, pertinho de onde eu moro. Eu projetei muitos Grupos Escolares e projetei vários Ginásios, entre eles o Ginásio Almirante Barroso, lá no Jabaquara. Não me lembro do nome dos Grupos Escolares, mas estão por aí ainda. Foi uma fase muito interessante, porque eu justamente me lembrava muito daquilo que penei, que eu não gostei. No Pré-Primário a arquitetura era agradável, mas o Primário do próprio edifício Caetano de Campos tinha defeitos muito sérios. Como quase toda escola, ele tinha aquela circulação, aquele corredor e, depois, salas à esquerda e salas à direita. Isso leva as salas a ter ventilação só por um lado, o que evidentemente não é o ideal. A sala em que você põe um total de 40 crianças e jovens, ou mesmo adultos, a gente tem que tentar conseguir uma ventilação bilateral para haver troca de ar. E conseguir, também, uma iluminação bilateral para corrigir a curva, porque a partir de uma janela você tem uma curva de clareamento, que é medido em lux, que cai verticalmente. Então, se o aluno que está junto à janela e está bem iluminado ou excessivamente iluminado, o que também não é bom, o último que está junto à parede está mal iluminado, isso é inevitável, seja um dia bonito ou feio. Uma coisa que se pode fazer para melhorar um

pouquinho, coisa que não se faz em nenhuma escola, é ter pelo menos as lâmpadas artificiais em circuitos separados, de maneira que se possa acender primeiro aquele que está junto da parede, no fundo, e depois, na medida em que cair a luz lá, você vai acendendo as dos outros.

Então, eu estava sempre muito desafiado por tudo isso aí, e procurei fazer uma arquitetura considerando as condições físicas que envolvem a insolação, a iluminação, a aeração e a acústica.

E havia também a questão da escala, porque a criança, no Primário ou no Jardim de Infância, ela tem 1 metro, 1 metro e 10 de altura. O adulto, na média, 1 metro e 70. Mas você não pode fazer só essa relação. Isso não é uma coisa racional, é uma sensação, uma coisa intuitiva, quase que instintiva. O ser humano sente o seu volume em relação ao volume do lugar onde ele está. Então, a gente tem que considerar a relação entre a terceira potência, entre 1,70 metro e 1,10 metro ou um 1 metro, que corresponde ao volume, que corresponde à relação de peso, mais ou menos. O ideal seria que pudesse fazer o pé-direito, o tamanho das cadeiras, tudo como tinha lá no Jardim de Infância: as cadeirinhas, as mesinhas, pudesse fazer tudo para que a criança se sentisse bem nesse ambiente. Claro que não pode fazer tudo isso, porque senão como é que se faz com os adultos, eles vão morar numa casa de boneca? Mas você pode fazer alguma coisa, você pode baixar as portas, todas as portas, para 2 metros, 1,90. Não faz mal a ninguém. Todo jogador de basquete tem mais de 2 metros e ele sabe que tem uma hora que tem que abaixar, senão ele bate, está treinado para isso. O próprio sanitário, todo mundo sabe que pode-se fazer peças mais baixas, mais adequadas ao uso das crianças, senão ela fica dependurada, na ponta do pé para poder usar aquilo. E eu me preocupei muito com isso e aí tive, durante dois anos, uma fase muito interessante, muito bonita, muito gostosa. Foi muito bom reencontrar, como profissional, produtor de espaço, porque adoto uma definição de arquitetura que é a arte de organizar o espaço. Ela se realiza pela construção e ela se comunica pela forma, perfeito. Então, ela é uma linguagem e, por outro lado, ela é um emprego de alta tecnologia. No meio disso, ela tem que procurar desenvolver a função da melhor maneira possível. É a arte de organizar o espaço. Essa definição é do Auguste Perret, não é minha; mas eu a adoto porque acho que ela é exemplar, é fantástica. *L'architecture c'est l'art d'organizer l'espace.*

Consegui uma performance, um desempenho bastante razoável em tudo isso aí. Inclusive publiquei vários artigos sobre isso, eu me apaixonei por arquitetura escolar. Talvez fosse sempre aquela velha história, porque como a escola tinha me machucado, eu queria ajudar.

Depois continuei a exercitar a Arquitetura e a Engenharia nas Escolas Senai*. Consegui convencer o meu pai, na época diretor do Senai, que a arquitetura que o Senai fazia era uma arquitetura obsoleta, era arquitetura do Ramos de Azevedo. Ele então me deu um projeto da Escola Anchieta do Senai para fazer. Foi um dos meus projetos mais difíceis. Foi feito para o IV Centenário. Chamei

o Fracarolli e pedi para ele fazer uma escultura. Ela está lá até hoje, em frente ao prédio. Fica pertinho das obras do Niemeyer* lá no Parque Ibirapuera. Nessa escola, usamos um conceito pela primeira vez, que, depois, o Senai adotou: em vez de esconder as oficinas no fundo, como se fosse uma coisa feia, eu disse “Meu Deus, se o Senai procura formar técnicos, nós temos que valorizar isso, isso é a vitrine dele! Vamos pôr isso para a frente da escola, com vidro! Todo mundo que passar na rua vê todos os jovens trabalhando lá”. E todo mundo se acostumou a ver na Escola Senai o torno, e tal, a máquina de soldar. Eu coloquei as salas de aula num passadiço no meio desse espaço.

Eu fiz tudo isso e acho que o que eu construí ali foi consequência do aprendizado que eu tinha feito no Convênio Escolar.

Escola Caetano de Campos: movimento contra a demolição

Depois a questão da Escola Caetano de Campos reapareceu na minha vida. Foi uma situação muito tensa, dramática. Era 1976, precisamente. Eu era, na ocasião, presidente da Emurb. Eu já tinha nome de engenheiro, de arquiteto e de urbanista e fui convidado pelo prefeito, ex-colega da Poli, o engenheiro Olavo Setúbal, para ser presidente da Emurb. Depois eu criei a Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Numa reunião foi apresentada pelo presidente do Metrô*, Plínio Assman, a idéia de que tinha que ser derrubado o edifício da Caetano de Campos para fazer a estação República. Estavam presentes o arquiteto que era presidente do Condephaat*, e ele ficou quietinho. O prefeito Olavo Setúbal, que aceitou, e o presidente do Metrô, que estava entusiasmadíssimo, além do diretor de obras do Metrô, que era o engenheiro Souza Dias, e que também estavam aceitando. Eu fiquei ouvindo tudo aquilo. Depois, eu pedi a palavra e disse: “Eu não vou aceitar isso. Eu acho um absurdo que, para se construir uma estação do Metrô, se derrube a cidade! Meu Deus do Céu! O Metrô foi criado exatamente para circular debaixo da cidade e não para derrubá-la. Para não fazer essa política horrenda que nós fazemos nessa cidade até hoje, de derrubar a cidade para abrir avenidas, é um absurdo urbanístico! É um contra-senso, eu não tenho como qualificar isso, é uma selvageria, a sociedade está destruindo o seu passado. Eu tenho a responsabilidade em relação à cidade. Sou o presidente da Empresa Municipal de Urbanização. Eu não vou admitir isso. Então, senhores, mil desculpas, senhor Prefeito, peço licença para me retirar, porque eu não posso participar desse ato de vandalismo, de assassinato de cultura!”. E me levantei e fui embora. Já eram umas onze e tanto, fui para casa e falei para minha mulher: “Bom, eu vou para a Emurb de tarde e vou esperar o telefonema dizendo: 'Olha, manda sua carta de demissão'”. Curiosamente, às três horas o doutor Olavo telefonou e disse: “Olha, Mange, tive pensando e você tem razão. Você fica encarregado de daqui a 15 dias me apresentar uma variante”. Aí juntamos os arquitetos, apresentamos uma variante, que é exatamente o que foi feito. Entrementes, eu conversei com o engenheiro Roberto Scaringella, um grande conhecedor, um grande engenheiro de tráfego. Ele disse: “Dá para resolver perfeitamente”. E assim foi feito, sem derrubar nada.



Foto do edifício inaugurado em 1894 para abrigar a Escola Normal, na Praça da República (centro de São Paulo), atualmente sede da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Fonte: Arquitetura escolar e política educacional: os programas na atual administração do Estado. São Paulo: FDE, 1998

Então, o meu reencontro com a escola foi, assim, uma coisa um pouco dramática, mas me deixou extremamente satisfeito. De eu poder estar naquela posição chata, numa hora certa. Eu posso dizer que fui o homem certo na hora certa, modéstia à parte. Com isso salvamos a escola e, hoje, todo mundo reconhece que aquilo era a melhor solução, não tem dúvida alguma. Aquilo era uma mentalidade fechada, eles achavam que tinha uma rua e a rua tinha que ser respeitada; mas o edifício não. Não dá para entender.

Futuro da Educação

Eu não sou pedagogo, mas sempre me interessei muito e vivi intensamente esses problemas da Educação. Eu tive cinco filhos, todos eles cursados, eu acompanhei, observei as reações, hoje eu tenho dez netos e três para quatro bisnetos. Eu acho a escola uma das instituições sociais mais importantes, e muita gente não se dá conta disso. E a Escola Caetano de Campos, aliás o Caetano de Campos que tem o nome dele porque ele foi um grande educador do começo do século. E ele pregou esta tese: a escola é uma formadora, de cidadãos e cidadãs. Então tudo é importante na escola, não só o enfoque do pedagogo, só as questões didáticas, o equipamento didático. Mas ela tem que ser pensada como arquitetura do espaço, que é muito importante também. E aí eu me lembro de uma lição de um reitor da Universidade de Leningrado, encarregado de uma comissão da velha União Soviética: tentar descobrir por que as Escolas Superiores soviéticas estavam falhando muito. Eu tive o relatório dessa comissão em mãos. Ele dizia: “A escola pode ser desse jeito, daquele jeito, pode-se discutir a polêmica pedagógica, se quiser, mas uma coisa não tem direito de se fazer, e isso é fundamental: ela não pode destruir a curiosidade natural que o homem tem”. Eu achei fantástico isso, porque eu acho que estamos incorrendo nesse risco. Eu tinha sido um pouco vítima disso no Ginásio, mas não conseguiram me destruir porque, felizmente, eu tinha em casa o que se chama de currículo oculto*. Tinha livros, eu pude desenhar, eu pude dar mais asas à imaginação, à minha criatividade, e meus pais eram de nível alto, eu tinha com quem conversar. Discutia, discutia tudo: aos dez anos

tinha perdido a fé, porque eu discutia tudo, eu questionava tudo. É muito importante isso, a escola não pode destruir essa criatividade. Eu sei que a pedagogia contemporânea se preocupa muito com aquilo que é chamado de motivação. Tem que haver uma motivação, você tem que se encontrar de uma maneira ou de outra. A motivação nem sempre depende da vanguarda tecnológica. Eu acho que a vanguarda tecnológica tem que ser compreendida, sim, e aproveitada na medida do possível, é claro. Não sou contra o computador, nem contra projetor, seria estúpido demais. Eu acho que tem que haver a contribuição de tudo isso, mas o fundamental é não destruir o interesse que a criança traz, ela se interessa por tudo, é um interesse natural, é a curiosidade natural do homem. No fundo, a única explicação da história da humanidade, do desenvolvimento da ciência, das artes, é a criatividade humana, e associada às curiosidades de saber. Isso a escola tem que respeitar. Ela tem que impor uma certa disciplina? Tem. Mas não pode impor uma disciplina de sargento de manicômio. O que a gente pode esperar da escola? Eu acho que sempre deve-se esperar muito, porque a escola continua tendo, nesse processo de interação, entre aquilo que o DNA trouxe para a criatura quando ela nasceu e o que a sociedade faz até ela se transformar num adulto de 20 anos, há um processo permanente de interação. O que ela trouxe consigo ao nascer e o que a sociedade lhe dá, através da família, da escola. A escola é muito importante, é impressionantemente importante. Há um efeito sinérgico entre essas duas coisas. Eu acho que, então, a gente tem que esperar da escola que ela cumpra esse papel. Agora, ela tem que evoluir, ela tem que se transformar. Hoje há, cada vez mais, a necessidade da especialização. Então, muitas vezes, em nome de, rapidamente, fazer a especialização, se prejudica o que é muito mais importante, que é a formação das Gestalts* da cultura, das correlações que os nossos neuroniozinhos querem fazer.

Depoimento editado por Zilda Kessel em março de 2002

Glossário

Art Nouveau

Entre 1890 e a Primeira Guerra Mundial floresceu nos Estados Unidos e na Europa um estilo que se contrapunha à esterilidade da Era Industrial. Recebeu diversos nomes, conforme os locais em que se desenvolveu: Art Nouveau, nos Estados Unidos; Liberty, Art Nouveau e Modern Style, na Inglaterra; Jugendstil, na Alemanha; Wiener Sezession, na Áustria; Art Nouveau e estilo Guimard, na França; Stile Liberty e Floreale, na Itália; Modernismo, na Espanha.

O estilo baseava-se em formas torcidas, floridas, que se contrapunham à aparência pouco estética dos produtos fabricados por máquinas. É um fenômeno tipicamente urbano, que nasce nas capitais, difunde-se para o interior e interessa a todas as categorias dos costumes: o urbanismo de

bairros inteiros, a construção civil em todas as suas tipologias, o equipamento, urbano e doméstico, a arte figurativa e decorativa, as alfaías, o vestuário, o ornamento pessoal e o espetáculo.

Independente das variações de tempo e espaço, é facilmente reconhecível por suas linhas sinuosas e curvas do tipo trepadeira, além de outras características constantes, como a temática naturalista (flores e animais), a utilização de motivos icônicos e estilísticos derivados da arte japonesa, a preferência pelas cores frias, pálidas, a recusa da proporção e do equilíbrio simétrico, a busca de ritmos musicais e o propósito evidente e constante de comunicar um sentido de agilidade, elasticidade, leveza, juventude e otimismo.

A difusão dos traços estilísticos essenciais da Art Nouveau se dá por meio de revistas de arte e moda, do comércio e seu aparato publicitário, das exposições mundiais e espetáculos.

Fontes:

- ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. Companhia das Letras. São Paulo, 1996.
- STRICKLAND, Carol & BOSWELL, John. Arte Comentada – da Pré-História ao Pós-Moderno. Rio de Janeiro, Ediouro, 1992.
- MARCONDES, Luiz Fernando. Dicionário de termos artísticos (verbete: nova, arte). Rio de Janeiro, Edições Pinakothek, 1998.

Caligrafia

Termo de origem grega (kálos: beleza; graphé: escrita), designa a escrita manual em que se destacam a beleza, a uniformidade e a elegância, ou seja, a arte de escrever utilizando uma caneta ou outro instrumento de escrita para não apenas traçar palavras mas fazê-lo com o máximo de beleza e inteligibilidade possível.

O termo também é empregado, em sentido estrito, para designar o trabalho dos calígrafos. No século XVI, a caligrafia estava praticamente restrita aos diplomas, títulos e correspondência diplomática, aplicações que permanecem até hoje.

Praticada nas escolas, a caligrafia auxilia o aprimoramento da escrita, tornando-a mais clara e legível.

Fontes:

- www.atelierlucia.hpg.com.br
- Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1998.

Casimiro de Abreu

Casimiro José Marques de Abreu, poeta do Romantismo brasileiro, nasceu na fazenda Capivari, na cidade de Barra de São João, estado do Rio de Janeiro, em 04 de janeiro de 1839 e faleceu em 18 de Outubro de 1860.

Viveu uma infância simples, porém feliz, em sua cidade natal. Aos quatorze anos vai para Lisboa (Portugal) a mando do pai, que toma essa atitude na tentativa de conter excessos do filho que levava intensa vida boêmia.

Os quatro anos que passa no exterior alimentam sentimentos de nostalgia. O tema “saúde” estará freqüentemente presente em suas poesias, sob diversos aspectos, como saudade da família, de sua infância, do lar.

Em 1856, sua peça “Camões e o Jaú” é levada ao teatro em Lisboa, financiada por seu pai.

Em retorno ao Rio, publica “As primaveras”. Descobre a tuberculose e falece aos vinte e dois anos de idade.

Suas obras são: Teatro: “Camões e o Jaú” (1856). Poesia: “As primaveras” (1859). Ficção: “Camila” (1859) e “Carolina” – romance inacabado (1859).

Fontes:

- LUFT, Celso Pedro. “Pequeno Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira”. Rio de Janeiro. Ed. Globo, 1987.
- PAES, José Paulo & MOISÉS, Massaud (org.). “Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira”. São Paulo. Ed. Cultrix.
- COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de (org.). “Enciclopédia de Literatura Brasileira vol.1”. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

Castro Alves

Antônio Frederico de Castro Alves, um dos últimos poetas do Romantismo no Brasil, nasceu em 14 de março de 1847, em Curralinho (BA), e faleceu com apenas vinte e quatro anos de idade, em 6 de julho de 1871, em Salvador.

Esse grande poeta da literatura nacional foi definitivamente consagrado por seu poema abolicionista Navio Negreiro, que faz um relato indignado sobre o tráfico de negros africanos. Seus poemas abolicionistas lhe renderam a Castro Alves o epíteto de “poeta dos escravos”.

Em 1864, inicia estudos jurídicos na faculdade do Recife, abandonando-os em 1867 para acompanhar seu grande amor, a atriz Eugênia Câmara, em viagem ao Rio de Janeiro, onde ela fazia apresentações.

Ainda acompanhando Eugênia, vem a São Paulo em 1868, onde se matricula na Faculdade de Direito do Largo São Francisco para dar continuidade aos estudos, que nunca terminaria.

O rompimento com Eugênia Câmara e a amputação do pé, causada por um acidente de caça, trazem ainda mais danos à sua saúde, já debilitada pela tuberculose.

Em 1869, Castro Alves retorna à Bahia. No ano seguinte, publica Espumas Flutuantes e escreve Cachoeira de Paulo Afonso.

Morre em 1871, em decorrência das complicações causadas pela tuberculose.

Suas obras são: Espumas Flutuantes (1870) – única obra publicada em vida; Gonzaga ou a Revolução de Minas (1875) – drama histórico; A cachoeira de Paulo Afonso (1876), Vozes d'África (1876), Navio Negreiro (1880) e Os escravos (1883).

Fontes:

- LUFT, Celso Pedro. Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira (verbete: Alves, Antonio de Castro). Rio de Janeiro, Globo, 1987.
- Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira (verbete: Alves, Antonio Frederico de Castro). São Paulo, Cultrix.
- Enciclopédia de Literatura Brasileira – vol. 1 (verbete: Alves, Castro). Rio de Janeiro, Ministério da Educação: Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.

Condephaat

O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico de São Paulo é um órgão do governo do Estado, formado por vinte e cinco representantes de instituições relacionadas aos mais diversos setores da sociedade paulista. Ligado à Secretaria da Cultura, esse órgão foi criado em 1998, com a finalidade de identificar, valorizar e preservar o patrimônio histórico e cultural paulista.

Esse patrimônio é constituído por todos os bens móveis e imóveis considerados importantes por razões históricas, arquitetônicas, artísticas, afetivas e articuladoras da memória paulista, além de sítios naturais considerados excepcionais por suas qualidades intrínsecas.

Fontes:

- www.cultura.sp.gov.br/conde.htm
- www.fccr.org.br/comphac/condephaat.htm

Currículo Oculto

As discussões em torno do papel implícito e explícito da escolarização chegam a diferentes conclusões, mas todos concordam que as escolas não ensinam os alunos apenas a “ler, escrever, calcular, entre outros conteúdos”, mas que elas são também agentes de socialização e, sendo um espaço social, tem um duplo currículo, o explícito e formal, e o oculto e informal.

O currículo oculto é geralmente associado às mensagens de natureza afetiva, como atitudes e valores. Está junto com as normas de comportamento social assim como às concepções de conhecimento, que são ligadas às experiências didáticas.

Muitos professores não são conscientes do currículo oculto, que pode ser utilizado na relação pedagógica sem que o professor perceba. Ao utilizar a sua

experiência para transmitir o conteúdo da disciplina, ele está desenvolvendo uma forma de currículo oculto.

O currículo oculto engloba vários aspectos do processo de aprendizagem, tais como, as características de uma sala de aula, a maneira como o professor ensina, os livros didáticos, as regras e os valores sociais.

Fontes:

- HARRIS, Theodore L. & HODGES, Richard E. (orgs.). *Dicionário de Alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- CASTANHO, Maria Eugênia. "Paradigmas de Currículo diante da Nova Ordem Mundial" In: *Revista Série Acadêmica*. Campinas: PUCCAMP nº 01.
- www.cempem.fae.unicamp.br

Darwin

O naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882) nasceu em Shrewsbury, e estudou medicina em Edimburgo, onde conviveu com cientistas que lhe despertaram o interesse pela história natural. Em 1828, deixou Edimburgo, seguiu para Cambridge e trocou a medicina pela carreira eclesiástica, mas a falta de vocação para o clero não foi menor do que para a medicina.

Ciente de que devia obter conhecimentos práticos de geologia, partiu em viagem, em 1831, e percorreu toda a costa ocidental da América do Sul e as Ilhas Keelin, Maurício e Santa Helena. Desembarcou em Falmouth após os quatro anos e nove meses dessa viagem que lhe garantiu a maturidade de suas observações como naturalista.

A longa peregrinação serviu de orientação às suas pesquisas para a obra *A origem das espécies*, síntese da evolução dos seres vivos, teoria que é a base da biologia moderna. Suas idéias foram modificadas e interpretadas de diversas maneiras em diferentes épocas, mas as bases do evolucionismo subsistem até hoje, dando origem ao termo "darwinismo", que designa a crença na evolução das espécies por seleção natural.

Fonte:

- *Enciclopédia Mirador Mundial*. São Paulo/Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1989.

Escola Caetano de Campos

"Ao longo de sua trajetória, essa escola, cuja origem e desenvolvimento vincula-se à difusão dos ideais liberais de secularização e expansão do ensino primário, mudou várias vezes de nome e de edifício, e sofreu alterações em seu currículo. A trajetória da Escola Caetano de Campos pode ser dividida em três períodos, numa seqüência cronológica. O primeiro, que se inicia com a

instalação da Escola Normal, em 1846, vai até a inauguração do seu prédio próprio, na Praça da República, em 1894. O segundo período abarca sua trajetória desde a inauguração do prédio próprio até a tentativa de demolição do edifício, na década de 1970. O terceiro e último período é marcado pela reação contra a demolição de seu prédio, e sua descaracterização ao ser desmembrada em duas escolas, que passaram a funcionar em dois novos endereços”.

Fonte:

- www.crmariocovas.sp.gov.br

Escola Modelo

Dotada de grande prestígio na sociedade paulista do início do século XX, a Escola Modelo proposta por Caetano de Campos era uma escola de prática de ensino e experimentação dos alunos-mestres da Escola Normal. Foi considerada um instituto modelar, a ser imitado pelas outras escolas públicas de São Paulo, já que enfatizava a formação prática do professor como base para aprendizagem dos métodos modernos de ensino.

Fonte:

- SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

Gestalt

Termo alemão que designa forma, estrutura, configuração ou organização. A psicologia se apropriou dessa palavra e a utiliza para se referir a uma posição teórica, de modo que “gestalt” passou a designar também um conjunto de princípios, métodos e experimentos.

Segundo essa teoria, o ponto de partida da aprendizagem é a percepção, que ocorre em consequência de uma contínua organização e reorganização da experiência, permitindo a compreensão global da situação e a percepção de seus elementos mais significativos.

Outro aspecto de grande importância para essa teoria é o “insight”, ou uma compreensão imediata, uma espécie de “entendimento interno”.

Fontes:

- BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair & TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *“Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia”*. São Paulo: Saraiva, 1991.

- WOOLFOLK, Anita E. *“Psicologia da Educação”*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.
- CABRAL, Álvaro. *“Dicionário de Psicologia e Psicanálise”*. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura, 1971.

Grupo Escolar

Denominou-se grupo escolar o complexo que reunia num só prédio as escolas de uma determinada localidade, que ofereciam o ensino primário (de 1ª a 4ª série), com uma nova organização administrativo-pedagógica. A criação dessas escolas, que teve profundas implicações na educação pública do Estado e na história da educação, está relacionada com o projeto republicano de reforma social e de difusão da educação. Esses novos estabelecimentos de ensino, que generalizaram muitas práticas escolares em uso nas escolas particulares no âmbito do ensino público, provocaram um grande entusiasmo na sociedade da época.

Fonte:

- SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

Guarda Nacional

A Guarda Nacional (1831-1922) foi uma polícia de confiança do governo, criada pelo Padre Feijó em 18 de agosto de 1831 e extinta depois da Proclamação da República. Essa polícia era controlada pelo governo brasileiro e pelos grandes fazendeiros do país, e foi uma solução proposta pelos políticos moderados sob o pretexto de que para impor ordem era preciso uma força militar fiel. O exército não era muito confiável, pois a maioria da tropa era composta de pessoas pobres que sempre se colocavam a favor dos que protestavam contra o governo daquela época.

O governo concedia aos grandes fazendeiros o título de coronéis, que era o maior posto de comando da Guarda Nacional, e os demais cargos só eram ocupados por homens de confiança dos coronéis. Por isso, a Guarda Nacional ficou conhecida como a “Guarda dos Coronéis”.

O principal objetivo da Guarda Nacional era reprimir as agitações populares. Suas funções eram preservar as enormes propriedades dos fazendeiros, manter a escravidão dos negros e combater todas as idéias liberais das classes urbanas. Durante toda a sua existência, a Guarda Nacional serviu para fortalecer o poder dos grandes fazendeiros.

Fontes:

- www.rio.rj.gov.br/multirio/historia/modulo02/guarda_nac.html

- www.geocities.com/armas_brasil/SecXIX/Nova_nacao/espadas/gn.htm

Guerra de Tróia

Trata-se da guerra travada entre gregos e troianos, motivada pelo rapto de Helena. Esse episódio da mitologia grega tem como protagonistas o rei da cidade de Esparta, Menelau, sua esposa Helena, e o príncipe Páris, de Tróia.

A luta entre os gregos e troianos durou dez anos, e foi decidida pelo estratagema de Ulisses, que fingiu uma retirada, deixando um gigantesco cavalo de madeira de presente aos troianos, que consideravam o cavalo um animal sagrado. O presente é aceito e, ao anoitecer, soldados gregos que estavam escondidos dentro do cavalo de madeira, saem e derrotam os troianos, saqueiam e queimam a cidade. Vem daí o termo “presente de grego”, utilizado para designar um presente desagradável.

Fontes:

- KURY, Mário da Gama. Dicionário de Mitologia Grega e Romana (verbete: guerra de Tróia). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- Dicionário de Mitos Literários (verbete: Helena [e a guerra de Tróia]). Rio de Janeiro, José Olympio, 1997.

Idéias Positivistas

O positivismo é uma corrente filosófica que sustenta que a única forma de conhecimento, ou a mais elevada, é a descrição de fenômenos sensoriais. Essas idéias apontam para uma crença no alcance da ciência e nos benefícios de uma sociologia verdadeiramente científica.

O conceito foi desenvolvido por Auguste Comte, no século XIX. Esse autor afirmava que os princípios científicos aplicados às questões sociais e políticas revelavam um estágio mais alto do progresso humano. No final do século XIX, o positivismo associou-se ao evolucionismo, doutrina que relaciona mudanças evolutivas a uma concepção progressiva das alterações sociais e a um tratamento naturalista das atividades humanas.

Os termos “cientismo” ou “cientificismo” têm sido usados como sinônimos de positivismo, denotando a idéia de que só o conhecimento científico é digno de confiança.

Fontes:

- ROHMANN, Chris. *“O Livro das Idéias”*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- BLACKBURN, Simon. *“Dicionário Oxford de Filosofia”*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Jardim da Infância da Caetano de Campos

Foi criado pelo decreto nº. 342, de 2 de março de 1896, assinado pelo governador Bernardino de Campos e pelo secretário do interior Alfredo Pujol. A inauguração do jardim da infância aconteceu em 18 de maio de 1896, dois anos depois da construção da Escola Normal Caetano de Campos. Na data da inauguração, o jardim da infância estava instalado em caráter provisório, em antigo prédio na Avenida Ipiranga, até a conclusão do novo edifício. Esse prédio provisório foi demolido no início da década de 1940, na gestão do prefeito Prestes Maia, para dar lugar à avenida São Luís.

O novo edifício, nos fundos e completamente isolado do resto da Escola Normal, era cercado por um vasto jardim. Davam acesso a ele duas escadas em suave rampa com pequenos degraus, assim construídas para evitar que as crianças caíssem ao subi-las. Compunha-se de quatro salas de aulas e um grande salão central, em forma octogonal, para reuniões gerais e solenidades infantis, de 15m², onde foram pintados a óleo, entre outros, os retratos de Froebel, Pestalozzi, Rousseau e Mme. Carpentier. O salão era coberto por uma cúpula metálica, abaixo da qual havia uma galeria sustentada por uma coluna de ferro, destinada ao público por ocasião de festa. Havia mais duas salas anexas ao corpo do edifício, uma para depósito do material e outra para reunião das professoras, perfazendo uma área de 940m². Dos lados e no meio do jardim erguiam-se dois pavilhões para recreio das crianças.

Fonte:

- KUHLMANN JR, Moysés. Caetano de Campos: fragmentos da história da instrução pública em São Paulo. São Paulo, Associação de Ex-Alunos do IECC, 1994, p. 63.

Johann Heinrich Pestalozzi

Nasceu em Zurique, na Suíça, em 1746, e faleceu em 1827.

Exerceu grande influência no pensamento educacional e foi um forte adepto da educação pública. Democratizou a educação, proclamando como direito absoluto de toda criança ter plenamente desenvolvidos os poderes dados por Deus.

Pestalozzi “psicologizou” a educação, quando ainda não existia uma ciência psicológica estruturada e, embora seus conhecimentos sobre a natureza da mente humana fossem vagos, viu claramente que uma teoria e uma prática corretas de educação deveriam ser baseadas em tal tipo de conhecimento.

Em seu primeiro livro, Leonardo e Gertrudes, de 1782, expressou suas idéias pedagógicas, mas a obra não foi considerada pelas figuras importantes da época como um tratado educacional.

Pestalozzi decide ser mestre-escola, e procura, em sua escola, aplicar suas idéias educacionais. Para ele, a instituição escolar deveria assemelhar-se a uma casa bem organizada, pois o lar era a melhor instituição de educação, base para a formação moral, política e religiosa.

Seu método enfatiza a criatividade do aluno, partindo dos objetos simples para chegar aos conceitos mais complexos, ou seja, vai do concreto para o abstrato. Entre os princípios do Método Pestalozziano, destacam-se:

a intuição

base de todo conhecimento, seu princípio é a observação.

o saber e o saber fazer

importância da formação, em oposição à mera instrução, considerando que qualquer conhecimento deve poder ser aplicado a diversas situações.

o poder

é preciso aliar ao saber o poder, ou seja, às noções teóricas a habilidade prática.

o amor

as relações entre professores e discípulos devem ser amorosas: a missão do educador é ajudar o indivíduo a desenvolver de maneira mais completa sua natureza.

Fontes:

- ELIAS, Marisa Del Cioppo. De Emília a Emílio – trajetória da alfabetização. São Paulo: Scipione, 2000.
- INCONTRI, Dora. Pestalozzi – educação e ética. São Paulo: Scipione, 1996.

Método Montessori

Método de educação que foi criado na Itália, no início do século XX, por Maria Montessori (1870–1952). Antropóloga, médica e educadora, ela defendia a infância e concebia a criança como principal agente do processo de educação.

Maria Montessori elabora uma proposta de educação que acredita na criança como um ser em relação, consigo mesmo e com os outros, capaz de desenvolver seu autocontrole, ser atuante, crítico e socialmente integrado. O ambiente montessoriano procura propiciar o processo de educação, através de aspectos de natureza psicológica, oferecendo um clima favorável a um novo tipo de relacionamento do professor com o aluno e dos alunos entre si, promovendo a aceitação e valorização à medida que se respeita o ritmo de trabalho de cada um. O professor atua como “mediador” entre a criança, o material e o ambiente no processo de desenvolvimento.

O Método Montessori está voltado para a formação e educação do indivíduo como um todo: intelecto, espírito, corpo e sentimento. A aprendizagem acontece através do trabalho em ambientes preparados para que a ação proporcione descobertas e transformações, com a utilização de diversos materiais pedagógicos, na sua maioria em madeira natural, chamados de “concreto”. Cada um deles trabalha um conceito, como grande/pequeno, leve/pesado, áspero/liso. Dessa forma, a criança tem a oportunidade de exercitar sua capacidade de percepção sensorial, a mente matemática e os movimentos, o que leva ao autoconhecimento e autodisciplina nas diferentes fases do seu desenvolvimento.

Fontes:

- CHATEAU, Jean. Maria Montessori. São Paulo: Nacional, 1978.
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. De Emílio a Emília - a trajetória da alfabetização. São Paulo: Scipione, 2000.

Metrô

O desenvolvimento do Metrô de São Paulo foi motivado pela inexistência de alternativas de transporte coletivo ferroviário para os moradores, além da necessidade de descongestionar o trânsito já caótico do centro da cidade. A primeira linha do metrô foi inaugurada em 14 de maio de 1974.

A gestão do prefeito Faria Lima, eleito em meados da década de 60, propunha como uma de suas principais metas a implantação do sistema metroviário. Em 1966, foi criado o GEM – Grupo Executivo Metropolitano, para iniciar os estudos que viabilizariam essa proposta. Foi feita uma concorrência com organizações técnicas nacionais e internacionais para selecionar a empresa encarregada de elaborar os estudos econômicos, financeiros e o pré-projeto de engenharia. O vencedor foi o consórcio HMD (associação de duas empresas alemãs, Hochtief e Deconsult, e a brasileira Montreal). Em 1968, começou a ser executada a primeira linha, Santana-Jabaquara. A década de 1970 se caracterizou por profundas revoluções na tecnologia dos metrô, com a introdução de carros em aço inoxidável, sistema automático de controle e sinalização elétrica.

A partir de então, as linhas do metrô são utilizadas diariamente por milhões de passageiros que incorporaram à sua rotina as idas e vindas pelo subterrâneo e hoje não saberiam viver sem ele.

Fonte:

- www.metro.sp.gov.br

Motivação

É um estado interno que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, uma necessidade e o objeto de satisfação.

Na base da motivação está sempre presente um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. O papel do ambiente consiste em estimular o organismo para a ação, à medida que é oferecido o objeto de satisfação da necessidade.

Fontes:

- PENNA, Antonio G. Aprendizagem e Motivação. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

- MURRAY, Edward J. Motivação e Emoção. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

Normalista

Professores que fizeram o curso de formação de professores e professoras para o ensino primário (1ª a 4ª série), parte do atual ensino Fundamental, nas chamadas Escolas Normais.

Fonte:

- SOUZA, Rosa Fátima. Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

Oscar Niemeyer

Oscar Niemeyer Soares Filho, arquiteto e urbanista, nasceu em 15 de dezembro de 1907, na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se pela antiga Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Arquiteto reconhecido internacionalmente, é um dos grandes renovadores da arquitetura no século XX, e seu trabalho integra a arquitetura com a pintura e a escultura. Seus projetos destacam-se pela beleza plástica e pelo estilo leve e inventivo, e lhe renderam vários prêmios internacionais.

Foi responsável por diversas obras no Brasil e no mundo. Dentre as mais conhecidas estão: a sede da ONU, em Nova York (integrou a equipe de arquitetos que elaboraram o projeto); o Centro Cultural de Havre (França); projetos em países como Alemanha, Portugal, Itália, países do Norte da África, Venezuela, etc. No plano nacional, seu trabalho mais conhecido está em Brasília: Palácio da Alvorada, Ministérios, Praça dos Três Poderes, Catedral de Brasília, Universidade de Brasília, Palácio dos Arcos e Palácio da Justiça. Também foi responsável por outros projetos no Brasil, como: Parque do Ibirapuera (SP), Sambódromo (RJ), Memorial da América Latina (SP), Museu de Arte Contemporânea (RJ), Museu O Homem e seu Universo (DF).

Mais de trinta e oito biografias já foram escritas sobre o arquiteto, várias de autores estrangeiros.

Fontes:

- www.niemeyer.org.br
- www.lrv.eps.ufsc.br/niemeyer
- www.niemeyerbrasil.hpg.com.br
- www.niteroi-artes.gov.br/oscar niemeyer.html
- Larousse Cultural – Brasil Temático (verbete: Niemeyer. In: Arte, Cultura e Educação). São Paulo, Nova Cultural, 1995.
- Enciclopédia Mirador Internacional (verbete: Niemeyer). São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1989.

Parque Infantil

Os primeiros parques infantis foram instalados, com o processo de industrialização e urbanização, em bairros de grande concentração operária, beneficiando crianças e adolescentes cujos pais precisavam trabalhar. A educação infantil baseava-se então no bem-estar físico e social, visando a despertar nas crianças os sentimentos cívicos nacionalistas, com a preocupação de educar e cuidar através de atividades recreativo-assistenciais. Com a criação do Ensino Primário Municipal, em 1955, os parques infantis começaram a perder sua grande força política, já que o ensino primário contava com uma maior estruturação e o caráter constitucional de obrigatoriedade. Com maior procura, o ensino primário recebe mais atenção e recursos, e os parques passam a atender a crianças em idade pré-escolar.

Partindo do princípio de que a pré-escola diminuiria a reprovação na primeira série, iniciam-se, em 1967, estudos sobre programação pedagógica para três graus de pré-escolar, deixando de lado o caráter assistencialista e recreativo, para investir numa implementação de didática que garantisse maior desenvolvimento da prontidão para alfabetização. A partir de 1972, os parques infantis passam a atender apenas a crianças de 3 a 6 anos, e assim se mantêm até os dias de hoje.

Fonte:

- Escola Municipal. 50 anos de pré-escola municipal. Secretaria Municipal de Educação. Ano 18, número 13. São Paulo, SE, 1985.

SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)

Na década de 1940, a economia brasileira atravessa uma grave crise, decorrente das sérias restrições impostas pela economia de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. Uma nova fase de expansão da indústria, baseada na substituição das importações, exigia que algumas medidas fossem tomadas quanto à preparação da mão-de-obra industrial.

As Leis Orgânicas do Ensino Técnico, aprovadas em 1942, criam o SENAI em convênio com as indústrias, no intuito de que esse órgão promovesse a formação rápida e prática do operariado, atendendo às exigências dos industriais.

O SENAI é administrado pela Confederação Nacional da Indústria e constitui hoje o maior complexo de educação profissional da América Latina.

Fontes:

- www.senai.br
- www.cni.org.br
- www.crmariocovas.sp.gov.br/exp_a.php?t=004

- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil (1930-1973). Petrópolis: Vozes, 1984.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.